

## João boa morte, cabra marcado pra morrer

*Ferreira Gullar*

Vou contar para vocês  
um caso que sucedeu  
na Paraíba do Norte  
com um homem que se chamava  
Pedro João Boa-Morte,  
lavrador de Chapadinha:  
talvez tenha morte boa  
porque vida ele não tinha.

Sucedeu na Paraíba  
mas é uma história banal  
em todo aquele Nordeste.  
Podia ser em Sergipe,  
Pernambuco ou Maranhão,  
que todo cabra da peste  
ali se chama João  
Boa-Morte, vida não.

Morava João nas terras  
de um coronel muito rico.  
Tinha mulher e seis filhos,  
Um cão que chamava “Chico”,  
um facão de cortar mato,  
um chapéu e um tico-tico.

Trabalhava noite e dia  
nas terras do fazendeiro.  
Mal dormia, mal comia,  
mal recebia dinheiro;  
se recebia não dava  
pra acender o candeeiro.  
João não sabia como  
fugir desse cativoiro.  
Olhava pras seis crianças  
de olhos cavados de fome,  
já consumindo a infância  
na dura faina da riça  
Sentia um nó na garganta.  
Quando uma delas almoça,  
as outras não; a que janta,  
no outro dia não almoça.  
Olhava para Maria,  
sua mulher, que tristeza  
na luta de todo dia  
tão depressa envelheceu.  
Perdera toda a alegria,

perdera toda a beleza  
e era tão bela no dia  
que João a conheceu!

Que diabo tem nesta terra,  
neste Nordeste maldito,  
que mata como uma guerra  
tudo o que é bom e bonito?  
Assim João perguntava  
Para si mesmo, e lembrava  
que tal guerra não matava  
o coronel Benedito!

Essa guerra do Nordeste  
não mata quem é doutor.  
Não mata dono de engenho,  
só mata cabra da peste,  
só mata o trabalhador.  
O dono de engenho engorda,  
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens  
que trabalhavam na fazenda  
do coronel Benedito  
tiveram com ele atrito  
devido o preço da venda.  
O preço do ano passado  
já era baixo e no entanto  
o coronel não quis dar  
o novo preço ajustado.

João e seus companheiros  
não gostaram da proeza:  
se o novo preço não dava  
para garantir a mesa,  
aceitar preço mais baixo  
já era muita fraqueza  
“Não vamos voltar atrás.  
Precisamos de dinheiro.  
Se o coronel não der mais,  
vendemos nosso produto  
para outro fazendeiro”.

Com o coronel foram ter.  
Mas quando comunicaram  
que a outro iam vender  
o cereal que plantaram,  
o coronel respondeu:  
“Ainda está para nascer  
um cabra pra fazer isso.

Aquele que se atraver  
pode rezar, vai morrer  
Vai tomar chá de sumiço”.

O pessoal se assustou.  
Sabiam que o fazendeiro  
não brinca com lavrador.  
Se quem obedece morre  
de fome, e de desespero,  
quem não obedece corre  
ou vira “cabra morredor”.

Só um deles se atraveu  
a vender seu cereal.  
Noutra fazenda vendeu  
mas vendeu e se deu mal.  
Dormiu mas não amanheceu.  
Foram encontrá-lo enforcado  
de manhã num pé-de-pau.  
Debaixo do morto estava  
Um “cabra” do coronel  
Que dizia a quem passava:

“Este moleque maldito  
pensou que desrespeitava  
o que o patrão tinha dito.  
Toda planta que aqui nasce  
é planta do coronel.  
Ele manda nesta terra  
como Deus manda no céu.  
Quem estiver descontente  
acho melhor não falar  
ou fale e depois se aguênte  
que eu mesmo venho enforçar”.

João ficou revoltado  
Com aquele crime sem nome.  
Maria disse: “Cuidado  
Não te mete com esse homem”.  
João respondeu zangado:  
“Antes morrer enforcado  
do que sucumbir de fome”.

Nisso pensando, João  
falou com seus companheiros:  
“Lavradores, meus irmãos,  
essa nossa escravidão  
tem que ter um paradeiro.  
Não temos terra nem pão,  
vivemos num cativeiro.

Livremos nosso sertão  
Do jugo do fazendeiro”.

O coronel Benedito  
quando soube que João  
tais coisas havia dito,  
ficou brabo como o Cão.  
Armou dois “cabras” e disse:  
“João Boa-Morte não presta.  
Não quero nas minhas terras  
caboclo metido a besta.

Vou lhe dar uma lição.  
Ele quer terra, não é?  
Pois vai ganhar o sertão!  
Vai ter que andar a pé  
desde aqui ao Maranhão.  
Quando virar vagabundo,  
terá de baixar a crista.  
Vou avisar todo mundo  
que esse “cabra” é comunista.  
Quem mexe com Benedito  
bem caro tem que pagar.  
Ninguém lhe dará um palmo  
de terra pra trabalhar”.

Se assim disse assim fez.  
João foi mandado embora  
do seu casebre pacato.  
Disse a Maria: “ Não chora,  
todo patrão é ingrato”.  
e saíram mundo afora,  
Ele, Maria, os seis filhos  
e o facão de cortar mato.

Andaram o resto do dia  
E quando a noite caía  
Chegaram numa fazenda:  
“Seu doutor, tenho família,  
sou homem trabalhador.  
Me ceda um palmo de terra  
pra eu trabalhar pro senhor”.  
Ao que o doutor respondeu:  
“Terra aqui tenho sobrando,  
todo esse baixão é meu.  
Se planta e colhe num dia,  
pode ficar trabalhando”.

“Seu coronel, me desculpe,  
mas eu não sei fazer isso.

Quem planta e colhe num dia  
não planta, faz é feitiço”.  
“Nesse caso, não discuta,  
acho melhor ir andando”.

E lá se foi Boa-Morte  
com a mulher e seis meninos.  
“Talvez eu tenha mais sorte  
na fazenda dos Quintinos”  
Andaram rumo do Norte,  
pra além da várzea dos sinos:  
“Coronel, morro de fome  
com seis filhos e a mulher.  
Me dê trabalho, sou homem  
para o que der e vier”.

E o coronel respondeu:  
“Trabalho tenho de sobra.  
E se é homem como diz  
quero que me faça agora  
essa raiz virar cobra  
e depois virar raiz.  
Se isso não faz, vá-se embora”.

João saiu com a família  
num desespero sem nome.  
Ele, os filhos e Maria  
estavam mortos de fome.  
Que destino tomaria?  
Onde iria trabalhar?  
E à sua volta ele via  
terra e mais terra vazia,  
milho e cana a verdejar.  
O sol do sertão ardia  
sobre os oito a caminhar.  
Sem esperança de um dia  
ter um canto pra ficar,  
à sua volta ele via  
terra e mais terra vazia,  
milho e cana verdejar.

E assim, dia após dia,  
andaram os oito a vagar,  
Como a fome que doía  
fazendo os filhos chorar.  
Mas o que mais lhe doía  
era, com fome e sem lar,  
ver tanta terra vazia,  
tanta cana a verdejar!

Era ver terra e ver gente  
daquele mesmo lugar,  
amigos, quase parentes,  
que não podiam ajudar,  
que se lhes dessem pousada  
caro tinha que pagar.  
O que o patrão ordena  
é bom não contrariar.

A muitas fazendas foram,  
sempre o mesmo resultado.  
Mundico, o filho mais moço,  
parecia condenado.  
Pra respirar era um esforço,  
só andava carregado.  
“Mundico tu tá me ouvindo?”  
Mundico estava calado.

Mundico estava morrendo,  
Coração quase parado.  
Deitaram o pobre no chão,  
no chão com todo cuidado.  
Deitaram e ficaram vendo  
morrer o pobre coitado.

“Meu filho”, gritou João  
se abraçando com o menino.  
Mas de Mundico restava  
samente o corpo franzino.  
Corpo que não precisava  
mais nem de pai nem de pão,  
que precisava de chão  
que dele não precisava.

Enquanto isso ali perto  
de trás de uma ribanceira,  
três “cabras” com tiro certo  
matavam Pedro Teixeira,  
homem de dedicação  
que lutara a vida inteira  
contra aquela exploração.

Pedro Teixeira lutara  
ao lado de Julião,  
falando aos caboclos para  
dar maior compreensão  
e uma Liga organizara  
pra lutar contra o patrão,  
pra acabar com o cativoiro  
que existe na região,

que conduz ao desespero  
toda uma população,  
onde só o fazendeiro  
tem dinheiro e opinião.

Essa não foi a primeira  
morte feita de encomenda  
contra líder camponês.  
Outros foram assassinados  
pelos donos da fazenda.  
Mas cada Pedro Teixeira  
que morre, logo aparece  
mais um, mais quatro, mais seis  
- que a luta não esmorece  
e cresce mais cada mês.

Que a luta não esmorece  
agora que o camponês  
cansado de fazer prece  
e de votar em burguês,  
se ergue contra a pobreza  
e outra voz já não escuta,  
só a que chama pra luta  
- voz da Liga Camponesa.

Mas João nada sabia  
no desespero que estava,  
andando àquele caminho  
onde ninguém o queria.  
João Boa-Morte pensava  
que se encontrava sozinho  
que sozinho morreria.  
Sozinho com cinco filhos  
e sua pobre Maria  
em cujo os olhos o brilho  
da morte se refletia.

Já não havia esperança,  
iam sucumbir de fome,  
ele, Maria e as crianças.

Naquela terra querida,  
que era sua e que não era,  
onde sonhara com a vida  
mas nunca viver pudera,  
ia morrer sem comida  
aquele de cuja lida  
tanta comida nascera.

Aquele de cuja mão  
tanta semente brotara  
que, filho daquele chão,  
aquele chão fecundara;  
E assim se fizera homem  
para agora como um cão  
morrer, com os filhos, de fome.

E assim foi que Boa-Morte,  
quando chegou a Sapê  
desiludido da sorte,  
certo que naquele dia  
antes da aurora nascer  
os seus filhos mataria  
e mataria a mulher,  
depois se suicidaria  
para acabar de sofrer.

Tomada a decisão  
sentiu que uma paz sofrida  
brotava em seu coração.  
Era uma planta perdida,  
uma flor de maldição  
nascendo de sua mão  
que sempre plantara a vida.

Seus olhos se encheram d'água.  
Nada podia fazer.  
Para quem vive na mágoa,  
mágoa menor é morrer.  
que sentido tem a vida  
pra quem não pode viver?

Pra quem, plantando e colhendo,  
não tem direito a comer?  
Pra que ter filhos, se os filhos  
na miséria vão morrer?  
É preferível matá-los  
aquele que os fez nascer.

Chegando a um lugar deserto,  
Pararam para dormir.  
Deitaram todos no chão  
sem nada para se cobrir.  
Quando dormiram, João  
levantou-se de vagar  
pegando logo o facão  
com que os ia degolar.



João se julgava sozinho  
perdido na escuridão  
sem ter ninguém pra ajudá-lo  
naquela situação.

Sem amigos sem carinho  
amolava seu facão  
para matar a família  
e varar seu coração.

Mas como um louco atrás dele  
andava Chico Vaqueiro  
um lavrador como ele  
como ele sem dinheiro  
para levá-lo pra Liga  
e lhe dar um paradeiro  
para que assim ele siga  
o caminho verdadeiro.

Para dizer-lhe que a luta  
só agora vai começar,  
que ele não estava sozinho  
não devia se matar.

Devia se unir aos outros  
para com os outros lutar.  
Em vez de matar o filho  
devia era os libertar  
do jugo do fazendeiro  
que já começa a findar.

E antes que Boa- Morte,  
levado pela aflição,  
em seis peitos diferentes  
varasse seu coração,  
Chico Vaqueiro chegou:  
“Compadre, não faça isso,  
não mate quem é inocente.

O inimigo da gente  
- lhe disse Chico Vaqueiro –  
não são nossos parentes,  
o inimigo da gente  
é o coronel fazendeiro.

O inimigo da gente  
é o latifundiário,  
que submete nós todos  
a esse cruel calvário.  
Pense um pouco, meu amigo,  
não vá seus filhos matar.  
É contra aquele inimigo  
que nós devemos lutar.

Que culpa tem os seus filhos?  
Culpa de tanto penar?  
Vamos mudar o sertão  
Pra vida deles mudar”.

Enquanto Chico falava,  
no rosto magro de João  
uma luz nova chegava.  
E já a aurora, do chão  
De Sapê, se levantava.

E assim se acaba uma parte  
Da história de João.  
A outra parte da história  
vai tendo continuação  
não neste palco de rua  
mas no palco do sertão.  
os personagens são muitos  
E muita a sua aflição.  
Já vão todos compreendendo,  
como compreendeu João,  
que o camponês vencerá  
pela força da união.  
Que é entrando para as Ligas  
que ele derrota o patrão,  
que o caminho da vitória  
está na revolução.